

Porto seco de Dondo será uma realidade

Logística & Supply Chain, Pág. 09



CARTA DA SEMANA

Com revista de **LOGÍSTICA** & supply chain

Director: Marcelo Mosse • Sábado 28 de Março de 2026 • Edição Nº 77 • Ano 2

CEO da SASOL

Gás de Pande e Temane vai esgotar-se daqui a cinco anos

Pág: 02



Banco Mundial avisa que pobreza em Moçambique vai continuar “teimosamente elevada”

Pág: 04



Pub.

QUEM TEM TMCEL

tem mais diversão



CHAMADAS E SMS ILIMITADAS PARA TODAS AS REDES

21GB

30 DIAS

600MT

4.5G

tmcel

Termos e condições aplicáveis

Petroquímica sul-africana já pensa em alternativas para Inhambane

O CEO da SASOL, Simon Baloyi, avisou que os campos de gás de Pande e Temane, na província de Inhambane, vão entrar em declínio, a partir de 2030, o que obrigará a multinacional sul-africana a procurar alternativas energéticas.



Escrito por: **José Machicane**

“A SASOL está já a trabalhar numa solução, tendo em conta o cenário de escassez de gás nas reservas de Pande e Temane, a partir de 2030”, afirmou Baloyi.

O abastecimento de gás daqueles dois campos aproxima-se do fim, enfatizou o gestor máximo da petroquímica sul-africana.

A solução passará pela produção de gás natural liquefeito (GNL) em Secunda, na África do Sul, em parce-

ria com a eléctrica estatal sul-africana ESKOM, prosseguiu.

“Devemos ter GNL, a partir de 2030. Caso não, vamos manter a aposta na produção de metano em Secunda. Secunda é crucial para a segurança energética da África do Sul”, avançou.

A SASOL pondera igualmente produzir petróleo e diesel, a partir de carvão, estudando outras opções em alternativa a Pande e Temane, frisou Simon Baloyi.

Sobre a possibilidade de a petro-

química sul-africana contar com o gás da Bacia do Rovuma, Baloyi afastou a hipótese de construção de um gasoduto, devido à longa distância entre Cabo Delgado e Secunda, na África do Sul.

Ainda assim, assegurou que “não se pode antecipar a falta de gás antes de 2030”.

O campo de gás natural de Temane entrou em operação em 2004 e o de Pande em 2009.

O gás produzido é processado na

Central de Processamento de Gás localizada em Temane, sendo que cerca de 80% deste gás é exportado para África do Sul e o remanescente vendido no mercado nacional.

O Projecto de Partilha de Produção (PSA) em Temane contempla a produção de 23 milhões de gigajoules. O gás é transportado por um gasoduto de 867 quilómetros de Temane para Secunda, na África do Sul. As maiores reservas de gás moçambicanas estão na Bacia do Rovuma, província de Cabo Delgado, ultrapassando 100 trilhões de pés cúbicos.

Pub.

TRANSFORMA

O TEU CELULAR EM UM CINEMA

PACOTE DIAMANTE: Entretenimento sem limites e sem gastar megas!

Diário
8MT

Semanal
50MT

Mensal
140MT

4G

tmcel

CEDSIF, IP conquista prémio regional de qualidade da SADC



O Centro de Desenvolvimento de Sistemas de Informação de Finanças (CEDSIF, IP) venceu no dia 25 deste mês o Prémio do Concurso Regional de Qualidade 2026, promovido pela Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC), reforçando o posicionamento de Moçambique na promoção de padrões internacionais de qualidade.

A distinção foi durante uma cerimónia oficial realizada em Johannesburg. O CEDSIF arrecadou o troféu na categoria Serviço do Ano, destacando-se entre instituições da região, refere um comunicado da instituição.

O prémio incentiva entidades públicas e privadas a implementar práticas alinhadas com padrões locais, regionais e internacionais.

O foco recai sobre eficiência, segurança e melhoria contínua dos processos, factores que impulsionam o crescimento económico.

O processo de avaliação ocorreu de forma virtual. O júri analisou as candidaturas submetidas pelos Estados-Membros, através de um repositório do Secretariado da SADC.

A competição reuniu apenas vencedores nacionais dos 16 Estados-Membros da SADC, cujo o objectivo era elevar a competitividade regional e fortalecer a cultura de qualidade.

Com a conquista, o CEDSIF reforça o papel de Moçambique no avanço de sistemas modernos de gestão e controlo financeiro.

Pub.

Exclusivo

OASIS
MAHOTAS
CONDOMÍNIO

A SUA CASA DOS SONHOS

**POR APENAS
1.000.000MT
DE ENTRADA**

Venha visitar a casa modelo.

FASE 3
18 apartamentos

Pagamento total em até

2 ANOS

- ✓ Tipo 2 - 9.000.000 MT
- ✓ Tipo 3 - 12.000.000 MT

Entrega a partir de 2026 desde que complete 75% do pagamento

Termos e condições aplicáveis.

Apartamentos das fases 1 e 2 esgotados.

+258 857027118
info@vaargo.co.mz

Crescimento insuficiente para tirar os moçambicanos da miséria

O Banco Mundial alerta que a pobreza em Moçambique vai manter-se “teimosamente elevada” nos próximos anos e a criação de novos empregos vai ser limitada.

“A pobreza está projectada para se manter teimosamente elevada, com progresso limitado na criação de emprego ou na melhoria de prestação de serviços”, refere a análise “Actualização económica de Moçambique: Da Fragilidade para a Estabilidade – Porquê as Reformas Fiscais Não Podem Esperar” daquela instituição financeira internacional.

Escrito por: **José Machicane**

Todos os anos, 500 mil moçambicanos entram no mercado de trabalho, mas apenas 30.000 empregos formais são criados, pode ler-se no documento.

O Banco Mundial assinala que, entre 2026 e 2028, prevê-se um crescimento económico entre 1% e 2%, “insuficiente para melhorar os padrões de vida dos moçambicanos”.

“O crescimento económico projectado é mais baixo que o crescimento da população (2,8%) e, por isso, insuficiente para reduzir significativamente a pobreza” realça-se na “Actualização económica de Moçambique: Da Fragilidade para a Estabilidade – Porquê as Reformas Fiscais Não Podem Esperar”.

O rendimento nacional real bruto *per capita* caiu em 8%, entre 2015 e 2024, e espera-se que continue abaixo dos níveis de 2015, em 2028, fragilizando “o contracto social no país”.

Recursos escassos

No documento, é referido que o Governo moçambicano tem recursos escassos para a construção de infra-estruturas públicas e melhoria na prestação de serviços públicos, devido a constrangimentos fiscais.

“Estas pressões fiscais limitam o espaço disponível para investimentos nas infra-estruturas públicas, melhorias na prestação de serviços públicos e mitigação de choques nas matérias-primas e clima”, destaca-se na análise.

Nota que o défice fiscal caiu de 6.1% para 4.1%, entre 2024 e 2025, mas essa evolução foi à custa da despesa de capital.

Por outro lado, a elevadíssima folha salarial (cerca de 15.0% do Produto Interno Bruto, entre as mais altas do mundo) e altas taxas de juros (cerca de 3.7%) absorveram 87% das taxas de receitas em 2025.

A colecta de receitas estagnou, parcialmente, em 2025, em parte devido à baixa colecta do Imposto do Valor Adicionado (IVA).



Aquela instituição avisa que Moçambique está a ser confrontado com “baixo crescimento económico, condições macro-fiscais desafiadoras e crescente exigência de serviços sociais.

O PIB real caiu drasticamente de 5.5% para 2.2%, entre 2023 e 2024 e contraiu para 0.5% em 2025.

Os apertos com liquidez estão a agravar-se, como ficou patente através das dificuldades que o Governo enfrentou na emissão de títulos de dívida em 2025 e a acumulação de pagamentos atrasados com empreiteiros e credores.

A “Actualização económica de Moçambique: Da Fragilidade para a Estabilidade – Porquê as Reformas Fiscais Não Podem Esperar” refere que a dívida interna subiu exponencialmente, com taxas de juros elevadas e período de maturidade curto.

Como resultado, o Governo confronta-se com crescentes pressões para reembolsos, em 2026.

“O Governo tem também dependido do financiamento do banco central. Esta tendência provocou erosão na confiança dos investidores, levando agências de “rating” de crédito a baixar a dívida doméstica soberana”,

lê-se no documento.

Por outro lado, a dívida global está numa situação e é considerada insustentável à luz das actuais políticas, refere a análise, que cita os últimos relatórios do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional.

O estudo observa que a actividade económica foi prejudicada pelas manifestações contra os resultados das eleições gerais de Outubro de 2024, mas os desequilíbrios macro-económicos vêm tendo peso negativo sobre o crescimento desde 2022.

“Pressões fiscais agudas e persistente escassez de divisas enfraqueceu a confiança dos investidores e a actividade do sector privado”, frisa o documento.

“Do lado positivo”, como classifica o Banco Mundial no referido estudo, está o levantamento da cláusula de “força maior” pela multinacional francesa TotalEnergies, no projecto de gás natural liquefeito (LNG), da Área 1 da Bacia do Rovuma, e a retirada de Moçambique da “lista cinzenta”.

Considera que esses dois acontecimentos podem galvanizar o fluxo do investimento directo estrangeiro (IDE), resultando num impacto positivo no crescimento.

Ainda assim, a economia continua vulnerável aos riscos políticos e choques externos.

“O espaço fiscal para responder aos choques está severamente limitado, quer em relação aos desastres naturais, quer em relação a choques como o conflito no Médio Oriente ou em relação ao conflito em Cabo Delgado”, realça-se.

“Caso não haja uma acção política decisiva, os desequilíbrios macro-económicos podem piorar ainda mais”, destaca-se.

Nesse sentido, prossegue o Banco Mundial, medidas de consolidação fiscal ambiciosas e credíveis são necessárias, para repor a sustentabilidade da dívida e criar espaço fiscal que permita responder às crescentes necessidades sociais.

O Banco Mundial enfatiza que conter a folha salarial será fundamental para aliviar pressões fiscais

Defende ainda a mobilização adicional de receitas, através de políticas fiscais e reformas na Administração Pública, visando criar espaço fiscal, bem como o fortalecimento da gestão da dívida, para reduzir a dependência em relação a empréstimos domésticos de curto prazo.

Hermínio Sueia repudia isenções fiscais atribuídas às multinacionais

O consultor em Comércio Internacional e especialista em matéria tributária Hermínio Sueia criticou as isenções fiscais atribuídas às multinacionais que operam em Moçambique, alertando para as injustiças fiscais que prevalecem no país.

Escrito por: **José Machicane**

“Eu, simples cidadão, pago 15%, 20% ou até 32% de imposto (IRPS) sobre o meu rendimento e os grandes projectos nada pagam. Vejam os episódios da MOZAL e da Kenmare, só para citar alguns exemplos e outros tantos de pedidos sem fim de prorrogação de isenções fiscais”, refere Sueia, numa análise intitulada “O Papel do Contribuinte na sustentabilidade orçamental”, a que Carta da Semana teve acesso.

Os grandes investidores têm obrigado o Estado moçambicano a aprovar leis pontuais para acomodar os seus interesses, em matéria fiscal, enfatiza o estudo.

Quadro reformado da Autoridade Tributária (AT), Hermínio Sueia repudiou os condicionalismos que são impostos ao Estado pelas multinacionais envolvidas nos projectos de gás natural na Bacia do Rovuma, apontando a exigência de compensação pelo accionamento da cláusula de “Força Maior” pela TotalEnergies.

O grande capital, prosseguiu, impõe “negociação de infinitas isenções nos contractos”.

Aquele perito em Comércio Internacional avisou que Moçambique está numa fase de “encruzilhada” em termos de consolidação orçamental e precisa de assegurar a viabilidade financeira a longo prazo.

O país “enfrenta um cenário de baixo crescimento da receita fiscal e necessidade de reconstrução institucional”.

A sustentabilidade orçamental de Moçambique em 2025/2026 enfrenta desafios críticos, marcados por elevada dívida pública, avaliada em 17 mil milhões de USD e forte pressão da massa salarial.

Por outro lado, o país busca consolidação orçamental para mitigar o



défice e o alto risco de insustentabilidade, continuou.

A receita do Estado para 2026 está fixada em 421,9 mil milhões de MT para um total de despesas e operações financeiras de 535,6 mil milhões de MT, portanto com um défice orçamental elevado na ordem de 113,6 mil milhões de MT.

Esse cenário “significa que a receita do Estado cobre tão somente 73,0% das necessidades para o financiamento do Total da Despesa e Operações

Financeiras, exigindo maior endividamento para cobrir as despesas”, frisou Hermínio Sueia.

Sueia destacou que os salários e remunerações da função pública representam o maior peso nas despesas de funcionamento (cerca de 58,6% em 2026), pressionando as contas públicas e desafiando a sustentabilidade do Estado.

Prudência na gestão da dívida

Sueia realçou que o Fundo Monetário Internacional (FMI) e outros credores têm alertado para a necessidade de

maior prudência na gestão da dívida e de consolidação orçamental, especialmente após derrapagens em 2024.

Apelou para a necessidade de cumprimento pleno das obrigações fiscais por parte dos contribuintes e o exercício pleno da cidadania fiscal.

“O Estado, na condição de contribuinte e ainda na condição de administrador e gestor da receita e definidor da despesa e do financiamento do défice, salvaguardadas as competências de cada órgão referido, tem uma enorme responsabilidade na garantia da sustentabilidade orçamental”, frisou.

Pub.

Tribunal do Quênia condena Estado a indemnizar vítimas de protestos violentos por a Polícia usar balas verdadeiras

Escrito por: José Machicane

O Tribunal Supremo do Quênia determinou o pagamento de 298 mil dólares às famílias e vítimas afectadas pela violência policial durante os protestos anti-governamentais no país há cerca de dois anos. A decisão histórica, que contempla jovens mortos por uso excessivo da força, estabelece um marco na indemnização às vítimas e reforça a responsabilização e transparência na actuação das forças de segurança durante os protestos.

Segundo informações divulgadas pela imprensa internacional, o tribunal concluiu que houve uso excessivo da força por parte da polícia durante manifestações populares contra o elevado custo de vida e novas medidas fiscais.

A decisão surge após uma onda de protestos que abalou o país nos últimos anos, especialmente em 2023 e 2024, quando milhares de cidadãos saíram às ruas para contestar o aumento de impostos e o custo de vida. Em alguns episódios, as manifestações resultaram em mortos, feridos e destruição de bens.

De acordo com dados de organizações de direitos humanos, pelo menos dezenas de pessoas morreram durante os protestos, com relatos de uso de munições reais por parte da polícia para dispersar multidões.

Na sua decisão, o tribunal deter-



minou o pagamento de compensações financeiras às vítimas e às famílias dos mortos, reconhecendo que os seus direitos fundamentais foram violados, incluindo o direito à vida e à integridade física.

Analistas consideram que esta sentença poderá abrir precedentes importantes em África, reforçando a necessidade de responsabilização das autoridades em casos de violência contra civis durante manifestações.

Entretanto, o governo queniano ainda não se pronunciou oficialmente sobre a implementação das indemnizações.

Recorde-se que a justiça queniana foi largamente saudada em 2017 ao arrasar a Comissão Eleitoral, quando numa decisão sem precedentes no continente africano, determinou naquele ano que as eleições eram “inválidas, nulas e sem valor”, atendendo às denúncias de fraude feitas pelo líder da oposição Raila Odinga.

O facto de o Tribunal Supremo ter sido capaz de emitir uma sentença tão arriscada confirmou a independência da magistratura queniana e a contínua institucionalização do Estado de Direito naquele país.

Quando a Comissão Eleitoral anunciou em 11 de agosto de 2017 que o presidente Uhuru Kenyatta tinha

sido reeleito para mais um mandato de cinco anos, com mais de 54 por cento dos votos, as equipas de observadores da União Africana, da União Europeia e até do premiado Carter Center, liderado pelo ex-secretário de Estado John Kerry, elogiaram o processo eleitoral afirmando que não tinham visto evidências significativas de fraude. As felicitações diplomáticas também não demoraram a chegar, elogiando as eleições como justas e transparentes.

Mas o terramoto político que se seguiu com a sentença do Tribunal Supremo afectou não só a política interna queniana, mas também colocou em dúvida o papel dos observadores internacionais.

Falhas no sistema de Imigração norte-americano impedem deportação de Chang

O antigo ministro das Finanças, Manuel Chang, foi impedido pelo Serviço de Imigração e Alfândega dos EUA (ICE) no Aeroporto Internacional Logan, em Boston, de ser deportado para Moçambique, em consequência da deficiente aplicação das leis de imigração.

O ex-ministro, de 70 anos, estava tentando embarcar num voo saindo de Boston para Maputo quando o incidente ocorreu. O seu advogado está agora buscando respostas das autoridades de imigração sobre a localização exacta e o status do seu cliente.

Este caso destaca as complexidades e incertezas que envolvem o processo



de deportação em Boston, especialmente para indivíduos de alto perfil com laços internacionais. Também ressalta as tensões persistentes sobre a aplicação arbitrária das leis de imigração e as transferências de detidos no principal aeroporto da cidade.

O antigo governante foi libertado pelos serviços prisionais norte-americanos na quinta-feira, após cumprir uma pena de sete anos no âmbito do processo das dívidas ocultas.

A cobertura jornalística local tem acompanhado o aumento da actividade do ICE (Serviço de Imigração e Alfândega dos EUA) e as frequentes transferências de detidos para fora

do estado, um padrão que pode dificultar o acompanhamento, por parte de famílias e advogados, da localização dos detidos.

Segundo o Departamento de Justiça dos EUA, Chang foi condenado em agosto de 2024 no âmbito das dívidas ocultas descobertas em 2016 estimadas em dois biliões de dólares em empréstimos garantidos pelo governo moçambicano. Ele foi sentenciado em janeiro de 2025 a 102 meses de prisão e obrigado a pagar uma multa de 7 milhões de dólares depois que os procuradores demonstraram que mais de 200 milhões de dólares foram desviados para subornos. **(Carta)**



Não falta combustível no país. Os automobilistas podem relaxar

Na semana passada, um ataque de nervos apoderou-se de centenas de automobilistas em Maputo e arredores, temendo uma ruptura do stock disponível de combustíveis no país.

Não era para menos. A escalada brutal da guerra americana no Golfo, com tremendo impacto sobre a produção e transporte de combustíveis a nível global, causou um ataque de pânico à escala global, sobretudo depois que o Irão passou a condicionar o Estreito de Ormuz.

No caso de Moçambique, esse nervosismo decorreu da ausência de uma comunicação proactiva e assertiva por parte do Governo. E bombardeada todos os dias em suas televisões pelo noticiário da crise no Golfo, a percepção gerada na opinião pública foi a que o Governo escolhera o silêncio atroz de quem está entre a espada e a parede.

Também nós aqui na “Carta” subscrevemos esses temores. Entretanto, foi antes de abordarmos operadores relevantes do mercado em Moçambique que nos deram esta perspectiva de acalmia, garantindo que não há escassez de combustíveis.

De acordo com as fontes, o cenário mais realista é: possíveis restrições pontuais. Filas ou atrasos localizados e gestão mais apertada da distribuição. Mas isso ocorre devido à falta de dólares (divisas) e não por ausência do produto no mercado internacional. A situação dos combustíveis em Moçambique é essencialmente financeira e não física.

Embora o sistema de preços em Moçambique esteja pressionado pelos altos custos internacionais, o governo tem segurado os aumentos, transferindo o impacto que seria sentido pelos consumidores para as gasolinhas.

O maior risco actual não é a escassez de combustível, mas as dificuldades no acesso a divisas para importação.

Em suma, pode haver constrangimentos e limitações, mas não uma ruptura total de combustível. Até porque Moçambique é abastecido por um grande trader global:



a Vitol é actualmente o principal fornecedor de combustíveis em Moçambique, ou seja, a capacidade de fornecimento global não é o proble-

ma e o risco não é “não existir combustível no mundo”. O risco está na capacidade de pagamento/importação/logística. Por outras palavras, o

verdadeiro problema é: divisas, não combustível. Este é o ponto mais importante: não há falta física de combustível.

CARTA DA SEMANA

Com revista de LOGÍSTICA & supply chain

Ficha Técnica

Director:	Colaboradores permanentes:	CONTACTOS
Marcelo Mosse	Renato Caldeira (Desporto), Reinaldo Luís (Cultura & Diversão) e Albino Mahumana (Fotografia)	Sede: Av Ngungunhane, N° 155 MATOLA - MOÇAMBIQUE
Redacção:	Administração e vendas:	Telefone: 00 258 82 9811780 WhatsApp: 00 258 82 9811780 Email: carta@cartamz.com Webpage: www.cartamz.com Caixa postal : 704
José Machicane, Evaristo Chilingue (Logística & Supply Chain), Lúcia Mucave	Grafismo, marketing e publicidade:	Número de Registo de Entidades Legais: 21571/11/01/PS/2018
Colunistas:	Agências:	Número de contribuinte fiscal: 400912319
Alexandre Chauque, Elísio Macamo, Nando Menete, Ivanick Lopandza (São Tomé & Príncipe), Sérgio Raimundo, Hélder Faife, PC Mapengo, Ezah Mondlane, Dereck Mulatinho, Edgar Barroso, Adelson Rafael	AIM e LUSA	
	“Carta da Semana” é uma publicação da “Carta de Moçambique Sociedade Unipessoal”, e está registada legalmente sob o número: 09/GABIN-FO-DEPC/2024,	



Contrato para construção do porto seco de Dondo será assinado este mês – CFM

A empresa pública Portos e Caminhos de Ferro de Moçambique (CFM) garante a assinatura ainda este mês do contrato de concessão para a construção do porto seco de Dondo, uma infra-estrutura a ser integrada ao porto da Beira, na província de Sofala, centro do país.

Escrito por: **Evaristo Chilingue**

“Moçambique prepara-se para dar um passo decisivo na modernização da sua logística com a assinatura, ainda este mês, do contrato de concessão para a construção do Porto Seco do Dondo, na província de Sofala”, afirmou a empresa numa nota publicada na sua página de *Facebook*.

A empresa explica que com um investimento estimado em 110 milhões de dólares, como o projecto, pretende-se aliviar o congestionamento na cidade da Beira, aumentar a eficiência do Porto da Beira e reforçar a capacidade logística do centro do país.

“Na sua fase inicial, a infra-estrutura deverá movimentar cerca de 5 milhões de toneladas por ano, com potencial de expansão futura, numa área total de 200 hectares”, detalha a fonte.

O projecto será desenvolvido em modelo de parceria público-privada, envolvendo os CFM, a Union Port Link e os conselhos empresariais da Beira e do Dondo, partilhando riscos e mobilizando capital para acelerar a implementação.

Integrado no Corredor da Beira, o porto seco do Dondo surge como

solução estratégica para reduzir tempos de espera, melhorar fluxos de carga, aumentar competitividade regional e estimular desenvolvimento económico local.

Mais do que uma infra-estrutura, trata-se de um investimento estruturante, para fortalecer Moçambique, como plataforma logística regional.

O projecto foi anunciado pelo Governo no dia 11 de Novembro de 2025. Entretanto, os Termos de Concessão das Infra-estruturas do Terminal Logístico de Dondo foram anunciados

também pelo Executivo em princípios de Fevereiro de 2026 corrente.

Para coordenar este e mais projectos no Corredor da Beira, o Governo criou o Gabinete de Implementação dos Projectos do Corredor de Desenvolvimento da Beira (GIPCDB).

Elias Paulo, engenheiro civil e quadro sénior da Administração Nacional de Estradas (ANE), foi nomeado no dia 20 do mês em curso, pelo ministro dos Transportes e Logística, João Matlombe, para coordenar o GIPCDB.

CTA defende investimento em acessos adequados ao Porto de Nacala



Álvaro Massingue, Presidente da CTA

A Confederação das Associações Económicas de Moçambique (CTA) defendeu esta semana a necessidade de investimento em acessos adequados para o porto de Nacala, o terceiro maior do país, localizado na província de Nampula.

O presidente da CTA, Álvaro Massingue, afirmou que um porto moderno pode transformar-se “num gargalo, sem acessos adequados”.

“Por isso, é fundamental assegurar infra-estruturas rodoviárias e ferroviárias eficientes de ligação ao *hinterland*, sistemas modernos de gestão de tráfego e carga, integração entre porto, transporte e zonas de produção e corredores logísticos fluidos, que evitem congestionamentos e engarrafamentos”, defendeu Massingue, durante um seminário sobre o desenvolvimento do corredor de Nacala, que juntou também empresários do Japão.

Segundo o presidente da CTA, a redução de engarrafamentos e tempos de espera é um factor crítico para diminuir custos operacionais, aumentar a previsibilidade logística e melhorar a competitividade das exportações moçambicanas.

“Ao oferecer uma alternativa logística eficiente e competitiva, Moçambique reforça o seu papel como: corredor de desenvolvimento regional; plataforma de comércio internacional; *hub* logístico da África Austral”, defendeu Massingue.

Para que esta visão se concretize, o empresário disse ser essencial continuar a consolidar um ambiente de negócios favorável, previsível e competitivo. Neste contexto, reafirmou o compromisso da CTA em trabalhar com o Governo na remoção de estrangulamentos ao investimento.

Por seu turno, o embaixador do Japão em Moçambique, Keiji Hamada, disse que o seu país e as empresas japonesas têm manifestado, há muito tempo, interesse em oportunidades de investimento, numa altura em que Moçambique continua a oferecer um enorme potencial inexplorado.

Lembrou que durante a TICAD 9, realizada em 2025 com a presença do Presidente Daniel Chapo, o Governo do Japão anunciou o lançamento de uma iniciativa regional para uma agenda comum, intitulada “Fortaleci-

mento da Cadeia Global de Abastecimento através do Desenvolvimento do Corredor de Nacala”.

Segundo o embaixador, a iniciativa reflecte o firme compromisso do Japão em promover a resiliência, a conectividade regional e o crescimento económico em toda a região.

Nesse contexto, encorajou os empresários japoneses presentes no seminário para explorar oportunidades de negócios no Corredor e no porto de Nacala.

“Acreditamos que o Corredor de Nacala e em particular o desenvolvimento do Porto de Nacala pode servir como uma porta de entrada, para a criação de novos negócios e para o crescimento regional. É, portanto, muito encorajador que cerca de 30 empresas japonesas, com um total

de mais de 100 participantes, estejam aqui hoje para explorar estas oportunidades”, afirmou Hamada.

Em representação do ministro da Economia, Basílio Muhate, a secretária da Indústria e Comércio, Custódia Paunde, disse, por sua vez, que a presença da missão empresarial do Japão constitui um sinal inequívoco de que Moçambique é um país apetecível ao investimento estrangeiro, razão mais do que suficiente para o empresariado nacional manter-se alerta para as oportunidades de parcerias mutuamente vantajosas.

Paunde explicou que o seminário visou construir relacionamentos com o governo e empresas moçambicanas para futuras decisões de negócios, promover a partilha de informações e o diálogo com empresas japonesas sobre o potencial industrial e logístico do Corredor de Nacala e fornecer às empresas japonesas informações sobre o potencial para desenvolvimento ao longo do Corredor de Nacala.

Segundo a secretária da Indústria e Comércio no Ministério da Economia, o Japão continua a reforçar a sua parceria estratégica com Moçambique, focando no desenvolvimento económico e na estabilidade regional, através de intervenções nas áreas da agricultura, infra-estruturas, saúde, educação, produção alimentar, energia, ambiente, entre outras.

Revelou que ao nível do investimento, nos últimos 11 anos foram aprovados cinco projectos, susceptíveis de criar 149 postos de trabalho, envolvendo investidores privados japoneses, no valor total de 1.9 mil milhões de dólares americanos. Desse valor 49.37% foi direccionado para o sector da indústria, 47.41% para o sector da agricultura e em 3.22% para o turismo e hotelaria. (**Evaristo Chilingue**)



Ministro garante que haverá mais detenções por suspeitas de rombo à LAM



O ministro dos Transportes e Logística, João Matlombe, revelou há dias que mais pessoas serão detidas por suspeitas de cometimento de crimes que têm vindo a arruinar a situação económica, financeira e imagem da empresa pública Linhas Aéreas de Moçambique (LAM).

As declarações vêm depois da detenção, há um mês, de alguns ex-funcionários da companhia aérea moçambicana.

“Ainda vamos ter situações como essas (...) tendo em conta os relatórios de auditoria forense”, afirmou Matlombe, em entrevista concedida à Rádio Moçambique (RM).

Segundo o governante, a auditoria realizada em 2025 constatou situações puníveis sobre as quais os gestores anteriores não tiveram a cora-

gem de resolver, responsabilizando os implicados.

“No ano passado, fizemos uma auditoria forense à LAM. O que nós constatamos, ao nível da auditoria, que é resultado do processo de muitos anos, que também os gestores que estiveram lá encontraram e infelizmente não houve coragem de cortar. Nós estamos a fazer o esforço de cortar”, disse o ministro.

Aliadas às pessoas suspeitas, estão, segundo o ministro, muitas firmas que receberam somas de dinheiro, sem, porém, prestar serviço. “São várias empresas que encontramos, muitas delas que nunca prestaram serviços e é o papel do Ministério Público proteger os interesses do Estado”, disse Matlombe.

IGEPE explica que as detenções são parte da reestruturação da LAM

Em declarações à “Carta”, o administrador-executivo do Instituto de Gestão das Participações do Estado (IGEPE), Raimundo Matule, explicou que as detenções enquadram-se no processo de reestruturação em que a LAM se encontra até 2032.

“As detenções fazem parte da reestruturação das empresas. Quem viola a lei neste país é responsabilizado. A LAM está no processo de reestruturação, que vai até 2032. Vai passar por várias fases de reestruturação. Começamos com a primeira fase, que chamamos fase de emergência. Depois irá seguir-se a fase de estabilização e por fim a fase de desenvolvimento e expansão. É um programa de médio e longo prazo”, disse Matule à margem de premiações da Bolsa de Valores de Moçambique (BVM).

Com essas detenções, no âmbito da reestruturação, o gestor assegu-

rou que a LAM voltará a ser uma empresa saudável, económica e financeiramente.

As primeiras cinco detenções, este ano, ocorreram no dia 26 de Fevereiro passado, movidas pelo Gabinete Central de Combate à Corrupção (GCCC). Dos cinco, o destaque vai para João Carlos Pó Jorge, ex-director-geral da LAM, no âmbito de investigações relacionadas com alegados crimes de má gestão, peculato e corrupção.

Além de Pó Jorge, que liderou a companhia durante cerca de seis anos, foram igualmente detidos Hilário Tembe, antigo director das operações, e Eugénio Mulungo, responsável pela Tesouraria da empresa. Um outro alto executivo foi também detido, cuja identidade ainda não foi revelada pelas autoridades. **(Evaristo Chilingue)**

Pub.

FAZ ACONTECER a cada dia, com quem está sempre do teu lado.

mzabanco.co.mz

Os ministros da “Varanda da Banda”



Escrito por: Nando Menete

Há dias, no final do dia, estava numa esplanada habitual de uma casa de pasto da cidade com um amigo. Um conhecido deste, que acabado de entrar, cumprimentou-o e em seguida o banal protocolo de amigos que não se encontram ou falam há algum tempo.

Retive da conversa deles o termo “Varanda da Banda” usado na pergunta feita pelo meu amigo ao seu conhecido em que, curioso, procurava saber do seu amigo se era habitual ele frequentar a “Varanda da Banda”, no caso a esplanada em que estávamos.

Quando ouvi o termo o meu cérebro sinalizou “Eureka!”. Tinha já a resposta que procurava, há algum tempo, mormente a denominação para os grupos de amigos ou conhecidos ocasionais que se encontram nos finais de tarde em esplanadas de casas de pastos da cidade.

Um bom urbano ou cidadão que se preze certamente que frequenta uma “Varanda da Banda” ou no

mínimo duas: a próxima ao seu local de residência e a do trabalho. Há quem frequente mais do que duas, mas em todas algo em comum: todos os dos grupos em várias mesas têm noção dos reias problemas e soluções certeiras (e até mágicas) para a prosperidade de Moçambique e dos moçambicanos.

Por acaso, e sempre que me despeço - depois de mais uma jornada em qualquer uma das esplanadas - a sensação de estar a sair de mais uma reunião do Conselho de Ministros. Em cada uma minha “Varanda da Banda” jorram especialistas de todas as áreas de governação e de fazer inveja a qualquer Governo. Mesmo em questões de condução de veículos, os da minha “Varanda da Banda” são os melhores e os mais respeitadores das regras de trânsito e da ética na condução.

E a propósito, para fechar, tenho dito, e em jeito de dica para quem nas próximas eleições venha a ter a responsabilidade de formar o elenco governamental: faça o “procurement” na “Varanda da Banda” das esplanadas das casas de pasto da cidade em que frequenta ou a dos seus assessores. No mínimo, são duas varandas. Se não for assim, lamento que se perca uma oportunidade para um elenco governamental com ministros da “Varanda da Banda”.

“Mangungos” (farnel)



Escrito por: Ezah Mondlane

Sófia! A quem pretendes provar que existes com esses mangungos trazidos à porta da minha casa para o “gostosão”, diz-me!

A mim? Aos meus filhos? Aos meus vizinhos aqui em Chaman-culo?...

Vamos por partes, a mim? Episódios similares me calejaram de dor pela presença frequente de pessoas como tu na minha vida.

Aos meus filhos? É de mim que aqueles meninos vieram. Aqueles meninos cresceram regados pelas minhas lágrimas de dor por me sentir preterida, já me viram destroçada por conta da falta do pai deles aqui em casa. Eles foram privados da minha companhia no momento é que eu entregava-me para a dor da traição.

Aqueles rapazes tem memória de estar nas madrugadas nas urgências do hospital só na companhia da mãe porque o pai estava empenhado em fazer te feliz na cama. Aqueles rapazes sabem que não tiveram a presença física do pai nas reuniões dos sábados de manhã na escola porque o pai es-

tava em Shoppings contigo para ti agradar.

O Tito? O meu Tito minha primeira sorte quando foi detido por condução ilegal, foi para mim que o miúdo recorreu desesperado sem outra alternativa, sabendo que não estudei e que tinha o pai Advogado com credenciais reconhecidas, mas estava indisponível se entretendo com vocês.

Aos meus vizinhos aqui do bairro para eles tu não passas de uma fofoca, vão comentar hoje, partilhar nos grupos do WhatsApp e ponto final, no dia seguinte terão um outro assunto em pauta. Esses mangungos não significam muita coisa face as muitas coisas vindas de vocês recebidas por mim nesta família Manjate.

A porta de entrada desta casa, recebeu o Joca, meu menino que me foi deixado com apenas 2 meses, fiz dele meu filho, de brinde anos depois recebi um teste positivo de HIV vindo dessa mesma porta patrocinado por vocês. Esses mangungos por incrível que pareça não me sabem a nada. Tu existes eu sei e ponto final.

Pub.

TU MERECEES TUDO

A casa do Futebol com TUDO o que desejas da Liga Inglesa!

Escolhe um instalador DStv credenciado.

Escolhe o pacote certo para ti:

DStv Grande +80 Canais

WhatsApp: 93788

USDD *788#

Termos e Condições aplicáveis.



Em moçambique, “A pomba (ainda) não pousou”!

Em 2022, Marcos P'fúka apresentou a obra “A pomba não pousou”, óleo sobre tela, que revela a inquietação de um país em busca de paz e identidade. Nascido Artur Valente Matavele em 1961, em Maputo, Marcos P'fúka é um artista autodidata. Ao longo de mais de quatro décadas, construiu uma trajetória marcada pela experimentação em pintura, desenho e montagem, sempre comprometido com a cultura moçambicana e a valorização da herança das tatuagens makonde. Suas obras integram coleções públicas e privadas, já participou de exposições internacionais, incluindo a Bienal de Peru 2024, reforçando seu papel na projeção da arte moçambicana no mundo.

Escrito por: **Reinaldo Luís**
Fotografias: **Albino Mahumana**

Para P'fúka, a arte não é apenas expressão pessoal, mas instrumento de reflexão sobre a realidade do país. Em “A pomba não pousou”, ele transfigura o vermelho do sangue e o preto das trevas em símbolos da violência e da desorientação que marcam o presente de Moçambique, questionando a paz que ainda não se concretizou. A cruz e a espada, elementos presentes na obra, representam a inversão de valores e o descompasso entre liberdade e justiça, traduzindo tanto o estado psicológico do artista quanto a fragmentação social do país.

A trajetória de Marcos P'fúka é também uma narrativa sobre iden-



tidade e resiliência cultural. Vice-presidente da Associação Matsolo Artes, ele defende a valorização da arte moçambicana autêntica, capaz de unir as diversas nações do país e afirmar Moçambique na cultura global. Para ele, assumir plenamente a africanidade e a identidade nacional é um ato de resistência e esperança, uma mensagem que permeia toda a sua produção artística, reafirmando que, apesar dos desafios, “a esperança não deve morrer”.

A pomba, o pouso e a paz

Carta da Semana (CS): Quando olhamos para “A pomba não pousou”, seu trabalho de pintura, sentimos um estado de colapso iminente. Este caos que atravessa a obra nasce de um impulso pessoal ou de uma leitura do país? →

← **Marcos P'fúka (MM):** A obra “A pomba não pousou” revela, de facto, um estado de colapso. É um sentimento que me persegue há muitos anos. Este trabalho foi feito, posso dizer, com o coração na mão, porque vivemos uma situação difícil de explicar. Fala-se de paz, da sua busca, mas não se sabe bem que paz queremos. Que paz é essa? Que orientação existe para lá chegar? E, afinal, o que é paz quando se fala de Moçambique?

São essas inquietações que me acompanham e que me levaram a construir esta obra: o vermelho, como o sangue derramado em Cabo Delgado; o preto, como as trevas em que me parece que estamos mergulhados. Falta luz, falta direção, falta perceber para onde vamos.

Por que matamos? Por que nos afundamos? A pomba, símbolo universal da paz, não pousou. Fala-se dela, assinámos acordos, mas sinto que, no nosso país, ela nunca chegou a pousar. É esse sentimento que procuro inscrever na obra – talvez sem saber se o consigo plenamente –, através do vermelho do sangue e do preto que, para mim, representam o desconhecido, a desorientação. Foram escolhas conscientes, com esse propósito.



O mundo está fragmentado, e isso reflete-se inevitavelmente no meu psicológico, na minha vida, na dos artistas e na das pessoas em geral. A produção artística é sempre um reflexo da realidade, e a nossa realidade é a de um mundo cada vez mais dividido, apropriado por uns e expropriado a outros



CS: Há dois elementos ambivalentes na obra, a cruz e a espada. Essa fusão é intencionalmente política ou espiritual?

MM: A cruz tem simbolizado, sobretudo para os cristãos, a salvação. Mas, em determinado momento, aquilo que devia ser símbolo de salvação transforma-se no punho da espada. É uma inversão de valores, uma inversão da liberdade, um sinal de descomando.

Há um sentimento profundo nesta obra que tenho dificuldade em traduzir por palavras: a paz é cortada pela espada, e a cruz invertida aponta para o oposto da luz – o diabólico, a con-



fusão, a turbulência em que vivemos. Quando falamos de paz, muitas vezes – e parece-me que também as autoridades – focamo-nos na ausência de guerra. Mas as guerras e as convulsões sociais nascem, frequentemente, da falta de justiça, de respeito e de disciplina. E quando falo de disciplina, refiro-me ao sentido de responsabilidade: cada um fazer o que deve ser feito, mesmo quando é difícil.

A chamada paz da ausência de guerra é uma paz negativa. Enquanto persistirem a injustiça, a desordem nas instituições e a falta de respeito pela lei e pelo outro, essa paz não tem significado. A paz efetiva – uma paz positiva – exige instituições que promovam a justiça, que incentivem o respeito e a responsabilidade. É nesse caminho que se devem criar condições reais para que a paz exista.

CS: A obra sugere um mundo em fragmentos, exteriores e interiores. O artista trabalha mais sobre o país ou sobre o estado psicológico do indivíduo?

MM: O mundo está fragmentado, e isso reflete-se inevitavelmente no meu psicológico, na minha vida, na dos artistas e na das pessoas em geral. A produção artística é sempre um reflexo da realidade, e a nossa realidade é a de um mundo cada vez mais dividido, apropriado por uns e expropriado a outros. As desigualdades acentuam-se, a distância entre o rico e o pobre torna-se mais evidente.

Tudo o que faço na minha obra parte dessa inquietação interior. Esta, em particular, vem do fundo da minha alma. É um grito silencioso, mas que procura ser ouvido. Um apelo para que possamos ser merecedores

de viver neste mundo com dignidade. Falo enquanto cidadão do mundo e enquanto moçambicano: não devemos contentar-nos em sobreviver. Merecemos viver com dignidade.

O que faço é colocar esse sentimento na tela, na esperança de que toque, que provoque, e, quem sabe, que influencie alguma mudança no agir de quem tem poder de decisão.

CS: Sendo um artista autodidata, como construiu a sua linguagem fora das academias? Isso foi liberdade ou limitação?

MM: No meu percurso, fui experimentando. O facto de ser autodidata, de não ter frequentado academias, deu-me, acima de tudo, liberdade: a liberdade de testar, de arriscar, de errar sem medo de enfrentar a crítica. →



← **CS:** *Trabalha com pintura, desenho e montagem. Como decide o meio certo para cada ideia?*

MM: Procuo usar todos os meios ao meu alcance para exteriorizar o que sinto. A escolha entre pintura, desenho, escultura ou instalação, bem como das técnicas e dos materiais, nasce sempre do impulso do momento, daquilo que a obra me pede.

Nos últimos tempos, tenho trabalhado com plástico. É um material útil, quase indispensável no quotidiano, mas tornou-se também um problema grave para o meio ambiente.

ca, Sofala, Nampula e Cabo Delgado. São marcas que atravessam o nosso território e a nossa história. Trabalho com esses traços como forma de afirmação e de preservação. Já abordei esse tema numa exposição intitulada “Marcas que não devem morrer”. Não se trata de reproduzir práticas, nem de impor tradições, mas de contribuir para que essa herança cultural não se perca, trazendo-a para a tela, para o desenho, para a linguagem contemporânea.

que hoje podem ser vistas como retrógradas.

Mas isso não significa abdicar da nossa identidade. Essas tatuagens, enquanto expressão cultural, podem ser reinterpretadas e ajustadas ao mundo contemporâneo. Podem ser uma forma de nos afirmarmos como moçambicanos e como africanos.

O que defendo é precisamente isso: trabalhar a cultura no sentido de adaptação, sem a perder. Precisamos de elementos que nos identifiquem, porque ninguém fará esse trabalho

abandonadas.

Um exemplo simples está nas nossas línguas. Elas são a alma do povo, mas, na prática, pouco se investe na sua preservação ou uso. Em situações de saúde, por exemplo, quando um paciente não fala português, é necessário um intérprete. Isso quebra a confidencialidade que deveria existir apenas entre médico e paciente. A cultura, que inclui a língua, é muitas vezes negligenciada, considerada secundária ou ultrapassada.

No ensino, aprendem-se várias línguas – árabe, mandarim, inglês, português, francês –, mas o ensino das línguas nacionais ainda é deficitário. Isso afeta áreas essenciais: médicos, tribunais, pesquisadores no campo, todos dependem da língua para que o trabalho seja eficaz e respeitoso.

CS: *Então, não há pressão para que o artista africano “represente” uma identidade fixa.*

MM: Eu não sinto qualquer pressão por ser moçambicano ou africano. Não há obrigação de ser algo que não somos. O importante é conhecer-nos, termos orgulho da nossa identidade, das nossas potencialidades e das oportunidades que isso nos dá para contribuir para a cultura global.

Não é imitando o outro que nos tornamos melhores. Ser autênticos permite que a nossa contribuição se harmonize com a diversidade do mundo e ajude a construir uma cultura global mais rica e equilibrada.

Arte moçambicana e mercado internacional

CS: *Como lê o estado atual das artes plásticas em Moçambique?*

MM: Fico feliz como artista ao ver o desenvolvimento das artes em Moçambique. Há escolas de arte e muitos jovens produzindo trabalhos significativos. O mais importante, como disse antes, é conhecermos a nossa identidade para podermos contribuir para uma cultura global.

As academias devem ajudar os formandos a descobrir e trabalhar a sua identidade, usando a técnica para apresentá-la ao mundo. Os jovens estão a produzir um bom trabalho, mas precisamos afirmar-nos como moçambicanos e africanos. Não para nos isolarmos, mas para sermos reconhecidos como contribuintes para a cultura global.

Não contribui quem imita a arte europeia ou músicas de outros contextos. Contribuímos quando trabalhamos com aquilo que é nosso, aperfeiçoando a nossa cultura de forma que seja visível, compreensível e, de certa forma, “vendível” no mundo. →



Leva centenas de anos a degradar-se e grande parte acaba nos oceanos, fragmentando-se em partículas que entram na cadeia alimentar, com impacto na biodiversidade.

Ao trabalhar com plástico, procuro justamente chamar a atenção para essa contradição e para a necessidade de repensarmos o seu uso e consumo. As minhas obras começam sempre nesse ponto: quando algo me toca e se instala nas minhas emoções. A partir daí, procuro refletir sobre o tema e encontrar a forma mais adequada de o representar, de acordo com os materiais disponíveis e com aquilo que a própria obra exige.

Em tudo o que faço, há também uma preocupação de identidade. Sinto-me cidadão do mundo, mas a partir de Moçambique. A minha contribuição nasce deste lugar. Por isso, integro elementos que afirmam essa pertença, como traços, cores e referências culturais moçambicanas.

Um desses elementos é o uso de padrões inspirados nas tatuagens tradicionais, em particular as makondes, mas também de outras regiões do país – de Gaza, Inhambane, Mani-

“**Há, contudo, muitos desafios. Um deles é a ausência de crítica de arte estruturada. Existe resistência, medo ou má compreensão da crítica, mas ela é essencial para orientar a qualidade, a identidade e a projeção da arte moçambicana no mundo**”

CS: *A tatuagem makonde aparece como eixo da sua pesquisa. O que encontra nela que ainda não foi esgotado por outros artistas?*

MM: Quando digo que não devemos obrigar ninguém a fazer tatuagens, é porque entendo a cultura como algo dinâmico, aquilo que fazemos para viver em harmonia. Não defendo uma visão presa ao passado, nem a reprodução literal de práticas

por nós. Ou nos reconhecemos na nossa herança e a transformamos, ou corremos o risco de nos diluir enquanto povo.

Dou muitas vezes exemplos simples: há povos que preservam traços culturais visíveis, no vestir, nos símbolos, nas formas de estar, e isso não os impede de viver plenamente na modernidade. Pelo contrário, reforça a sua identidade. É nesse equilíbrio que acredito: não ter vergonha do que somos, assumir a nossa cultura e ajustá-la aos tempos. É isso que procuro explorar quando trabalho com essas referências. Não como repetição, mas como reinvenção.

CS: *Há um risco de a arte moçambicana ficar prisioneira de uma ideia de “tradição” que agrada ao mercado externo?*

MM: Muitas vezes, quando se fala de tradição, associa-se automaticamente a algo ultrapassado, que deve ser deixado para trás. Mas tradição é o resultado de experiências e práticas que surgiram para resolver problemas em contextos específicos. Quando os contextos mudam, essas soluções podem ser ajustadas, não

← Há, contudo, muitos desafios. Um deles é a ausência de crítica de arte estruturada. Existe resistência, medo ou má compreensão da crítica, mas ela é essencial para orientar a qualidade, a identidade e a projeção da arte moçambicana no mundo. Precisamos organizar melhor o país, para expor a nossa cultura e talento de forma estruturada. Já tivemos bienais organizadas por instituições como as telecomunicações, mas deixamos de tê-las. É necessário retomar iniciativas assim, garantindo transparência e qualidade na participação do país em bienais e festivais internacionais.

Essa organização é crucial não só para o mercado de arte, mas também para o turismo. Quando os visitantes chegam, não procuram governo ou parlamento; procuram cultura, história e expressão artística. A arte e a cultura devem ser um dos elementos centrais da nossa projeção internacional.

Então, se não se quer investir apenas no turismo convencional, o caminho é investir nas artes e na cultura de forma estruturada. Isso pode incluir, por exemplo, a arquitetura. Em muitos países, os visitantes observam os edifícios, a sua construção, a beleza, as estátuas, os museus, as galerias, os templos. Esses elementos fazem parte do turismo cultural.

O turismo não é só praia; a praia é complementar. O essencial é mostrar as marcas e a identidade de um povo, o que torna Moçambique único, diferente de outros países e culturas. Para isso, precisamos trabalhar a nossa cultura de forma assertiva e deixar de nos autocensurar.

CS: Mas há liberdade real para o artista em Moçambique ou há limites invisíveis?

MM: Como disse no início, eu tiro aquilo que está no fundo da minha alma. A liberdade do artista, no meu ponto de vista, depende do próprio artista. É ele quem precisa se libertar das emoções, da carga que sente, e colocar isso na tela, para si e para o público. A reação dos outros é outro assunto.

A independência e o estado da arte

CS: 50 anos depois da independência, a arte moçambicana já encontrou uma linguagem verdadeiramente autónoma?

MM: Em termos de linguagem própria, houve momentos em que éramos mais fortes. A arte era claramente identificável como moçambicana. Hoje há muitos criativos e desenvolvimento, mas sinto que precisamos reforçar os elementos da moçambicanidade nas nossas obras.

É essencial trabalhar a nossa identidade para que a criação não se confunda com a de artistas europeus

ou asiáticos. Não há pior situação do que ver uma obra de Moçambique e não reconhecer sua origem. Devemos chegar a um ponto em que não haja dúvidas: esta é uma obra moçambicana.

Parte do desafio vem da herança colonial. O território de Moçambique, do Rovuma ao Maputo, foi definido pelos colonos, reunindo diferentes povos, línguas e culturas. O trabalho agora é transformar esse projeto colonial em um projeto nosso. Lutamos pela independência, os colonos partiram, e cabe a nós assumir e moldar este território como o Moçambique que sonhamos.

Para alcançar isso, é preciso assumir plenamente nossa africanidade e nossa identidade moçambicana. Pode parecer um posicionamento político, mas é difícil falar de arte e contexto



social sem que haja implicações políticas. O artista, como já disse Nina Simone, expressa o momento e o contexto em que vive.

Então, o momento em que vivemos é de necessidade imperiosa de transformar o projeto colonial em um projeto nacional. É preciso que o cidadão do Sul, do centro e do Norte se sintam moçambicanos de igual forma.

A cultura pode e deve desempenhar um papel central nesse processo. Para mim, é fundamental: qualquer transformação real precisa passar pela base da cultura, pelos nossos sentimentos, pelas nossas línguas, pelo nosso pensamento – criando ligações que unam o país e fortaleçam a identidade comum.

CS: A sua participação em eventos internacionais, como a Bienal do Peru, mudou a forma como vê o seu trabalho?

MM: Tive a sorte de participar na Bienal do Peru; uma obra minha foi selecionada, e isso me deixou muito feliz. Também submeti uma obra à Bienal de São Paulo, que foi aprovada, mas não consegui enviá-la. Essas

experiências confirmam que um artista moçambicano pode contribuir para a cultura global e ser reconhecido internacionalmente. Incentivamo-me a continuar na linha em que trabalho, mostrando que os resultados podem ser alcançados.

Para mim, é fundamental não ter medo de ser moçambicano e africano, nem de sentir que pertencemos ao mundo e temos um papel na construção de uma cultura global. Mas, além do esforço individual, é essencial que as instituições tenham visão clara sobre o que pretendem com a cultura moçambicana. O grande desafio do país é justamente a falta de uma visão definida sobre o que queremos para Moçambique. Com essa clareza, seria mais fácil compreender a importância da cultura e dos elementos necessários para que o projeto nacional tenha sucesso.

CS: E o mercado internacional entende a arte moçambicana, ou consome apenas uma versão simplificada dela?

MM: Como disse antes, Moçambique, nas fronteiras que temos hoje, reúne várias nações. É fundamental unir essas nações para construir um projeto nacional que seja nosso, e não o projeto que os colonos criaram para explorar essas diversas populações. É preciso identificar pontos de ligação e trabalhar para que Moçambique se torne uma nação coesa – talvez uma utopia, mas uma utopia que se constrói com narrativa, arte e cultura.

A arte pode ajudar a criar uma visão compartilhada, de modo que o moçambicano do sul, do centro ou do norte persiga a mesma visão.

CS: Se tivesse de resumir “A pomba não pousou” numa frase, qual

seria?

MM: Se tivesse que resumir “A pomba não pousou” em uma frase, diria: a esperança não deve morrer. Há muitos desafios que me preocupam, mas tudo se resume a isso: precisamos ser um povo que se orgulha de si, que se assume como africano e moçambicano, reconhecendo nosso lugar no mundo global. Quando olhamos para outros países, vemos pessoas que se identificam claramente como chineses, malaios, nigerianos ou sul-africanos; precisamos da mesma clareza e orgulho sobre quem somos.

CS: O que ainda não conseguiu dizer na sua obra, e que continua a perseguir-lo?

MM: Vejo que há um certo receio em nos reconhecermos plenamente como moçambicanos. Assumimos nossas línguas, mas ainda temos dificuldade em assumir e valorizar nossa cultura, nossa música e, sobretudo, nosso papel como cidadãos do mundo global. Temos elementos próprios que podem contribuir para uma cultura global e para a construção de um mundo mais harmonioso.

“Os Madalas” e a memória que não envelhece

Maputo acolheu, a 19 e 20 de março, um concerto que se fez encontro: entre amigos, entre tempos, entre vidas que já viveram o suficiente para saber que a música é também memória – e, às vezes, a única forma de resistência. Nos acordes de “Os Madalas”, na Fundação Fernando Leite Couto, viu-se uma geração que insiste em não se esquecer de si próprio.

Escrito por: **Reinaldo Luís**
Fotografias: **Albino Mahumana**

Lá fora, na Avenida Kim Il Sung, o trânsito impõe o seu ritmo: buzinas, pressas, a coreografia habitual de uma cidade que regressa a casa sem tempo para refletir. Cá dentro, suspende-se o ruído. Há um outro tempo que se instala, mais lento, mais denso, feito de pausas e de respirações partilhadas. Um tempo onde a música não serve apenas para entreter, mas para lembrar, e, talvez, para reparar.

O coletivo TP50 chamou-lhe “Os Madalas: Relembrando Hortêncio Langa”. Dez anciãos, vindos de diferentes áreas – os escritores Marcelo Panguana e Filimone Meigos; o jornalista Tomás Vieira Mário; o electricista Alberto da Barca; o veterano dos TP50, Joel Libombo; o guitarrista Inácio Magaia; o físico nuclear Rogério Uthui; o vizinho de infância e primo de Hortêncio Langa, Ebenizário Chonguiça; o coordenador do TP50, António Prista e o músico Stewart Sukuma – trouxeram mais do que um concerto.

Foi, antes, um gesto quase íntimo de restituição. Relembrar Hortêncio Langa é regressar às violadas informais onde a vida acontecia sem palco, sem cartaz, sem a solenidade que agora, inevitavelmente, se impõe. Voltar àqueles lugares onde a guitarra era extensão da conversa e as vezes prolongavam a amizade.

E foi precisamente de uma voz que tudo recomeçou. A de Marcelo Panguana, que não subiu ao palco; ficou suspensa, gravada, como se viesse de outro tempo. Um texto sobre o que sobra do futuro dos “madalas” quando o passado já ocupa mais espaço. Falou-se de viagens, de filhos, de comidas simples e sofisticadas, de conquistas e fracassos, de uma geração que nasceu analógica e agora se descobre digital. E, sobretudo, de um cansaço lúcido.

“Trocámos fraldas aos nossos filhos e vimo-os graduar. Já viajámos de barco, comboio, avião e até caminhão. Já bebemos mel e água. Nascermos analógicos e agora somos digitais. Vimos a vida a preto e branco e em cores. Conquistámos coisas sem querer e outras que não conseguimos, por mais que tentássemos. A vida deu-nos beijos na boca e patadas no cu. Bem ou mal, já cumprimos com tudo e com todos. Agora



que temos mais passado do que futuro, focamo-nos em nós. Fazemos o que gostamos e mandamos à merda o que não gostamos”, disse, poeticamente, entre os alto-falantes.

Era o tom certo para o início de um concerto de “experimentados” que não queriam provar nada, se não existir. E, por isso, um a um, foram

ocupando o palco como quem ocupa uma sala de estar antiga. Alberto da Barca, electricista de profissão, trouxe “Meu Salário” e “My Love” com a leveza de quem nunca deixou a música ser mais do que deve ser: vida a acontecer...ou não, devido aos baixos salários – que atrasam ou nunca chegam – ou à algazarra dos transportes “my loves” que passeiam a classe

bem em frente àquela fundação.

Depois, Joel Libombo, 74 anos, natural de Chamanculo, entrou acompanhado por Inácio Magaia, 76 anos, guitarrista de um tempo que já não se faz. Sessenta anos de cumplicidade condensados em poucos minutos de palco, um a cantar e o outro a tocar. A canção – bem antiga, de Daniel Marivate, dos anos 1930 – falava do mar e do amor, mas o que se ouviu foi mais do que isso: foi a continuidade de um legado que resiste à erosão do tempo. “Este legado devem levar”, disse Joel. E não era um pedido, era quase uma advertência.

Seguiu-se Tomás Vieira Mário, que trouxe “Bava anga psalanga”, de Eusébio Johane Tamele, ou simplesmente Zeburane, e depois “Maria Madalena”, da sua autoria. Atravessou o tempo e o palco com a segurança de quem sabe que a memória também se escreve no presente, como no seu gesto jornalístico de testemunhar e dar sentido à vida dos outros.

Depois, a surpresa: um físico nuclear, Rogério Uthui, 66 anos, vindo da Mafalala – e “tudólogo”, como se define –, desdobrou-se, cantou e, quase que involuntariamente, dançou “Zabelana”, de Zaida Chongo, antes de regressar a Hortêncio Langa com “Muhive”, ou ladrão em português. Uma música sobre “os tempos em que ainda existiam ladrões”, disse ironicamente. E naquela noite, talvez, e principalmente, era sobre tudo o que o tempo nos rouba.

Houve ainda Ebenizário Chonguiça, que trouxe consigo não apenas a guitarra, mas a geografia da infância em Chibuto, onde foi vizinho de Langa. Com Xixel na voz, e depois com Uthui, as canções voltaram a criar pontes entre o presente, o vivido e o lembrado. As palavras de todos, antes das interpretações, até tentaram narrar as amizades, os encontros, o companheirismo, mas só o calor das músicas eternizou as homenagens.

E o que dizer de Filimone Meigos, que parece carregar no corpo essa ideia de que a música pode ser um arquivo vivo num país que tantas vezes o esquece? Quase que num estado de loucura – esse que caracteriza o seu “eu” – cantou a música de Manecas Tomé e depois “Xibomba xa Olivera”, de Hortêncio, em perfeito changana, como quem insiste em manter abertas as portas de uma casa que o tempo teima em fechar. [\(Continua na última pag.\)](#)

CARTAZ

LITERATURA | Os livros que ficaram por ser (re)lidos
 Guiados por um dos impulsionadores do movimento de massificação da leitura em Moçambique, professor na UEM e Presidente do Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa, percorremos a literatura moçambicana, através de livros e autores que com o tempo ou ficaram esquecidos ou a sua leitura tornou-se necessária. Uma conversa com Nataniel Ngomane sobre “os livros que ficaram por ser (re)lidos”, na terça-feira, 31 de março, às 18 horas, na Fundação Fernando Leite Couto, em Maputo.



MÚSICA | Bongeziwe Mabandla em concerto
 O Centro Cultural Franco-Moçambicano tem o prazer de acolher o concerto de lançamento do novo álbum do músico sul-africano Bongeziwe Mabandla, na quinta-feira, 14 de maio, às 20h, na Sala Grande. Não perca a oportunidade de assistir a este concerto único e de vivenciar a música de Bongeziwe Mabandla ao vivo!



EXPOSIÇÃO | A confusão parte os ossos
 O Centro Cultural Franco-Moçambicano tem o prazer de convidar o público para a inauguração da exposição “A confusão parte os ossos”, da artista Lara de Sousa, que se realizará na Terça-feira, 31 de março, às 18h, na Sala de Exposições. Esta mostra, em exibição até 16 de maio, resulta do processo de residência artística de Lara na Ilha da Reunião e propõe uma viagem pelos vestígios históricos do Oceano Índico, explorando memória, resistência e reconstrução. Entre cerâmicas fragmentadas, mapas bordados, filmes e aguarelas, a artista convida-nos a descobrir trajetos de resistência, memórias ancestrais e possibilidades de reconstrução de um passado marcado pelo deslocamento forçado e pelo colonialismo.



PERFORMANCE | Cartas de Amor para Meninas Mal Comportadas
 No próximo dia 2 de abril, às 18h30, o Auditório do Centro Cultural Franco-Moçambicano (CCFM) acolhe a performance “Cartas de Amor para Meninas Mal Comportadas”, da contadora de histórias moçambicana Eliana N’Zualo. A proposta multidisciplinar cruza teatro, poesia falada e instalação, dando corpo a uma série de cartas performativas que abordam questões ligadas ao corpo, ao desejo, à sexualidade e às normas sociais que moldam o comportamento feminino. Inspirada em experiências reais e imaginadas, a obra constrói um espaço íntimo e político, onde se afirmam vozes que desafiam o silêncio, a submissão e a invisibilidade. As “meninas mal comportadas” a

quem as cartas se dirigem representam, assim, todas as mulheres que ousam existir fora das expectativas impostas.



FESTIVAL | A Mulher Criativa
 A Music Crossroads Mozambique anuncia a realização da 3.ª edição do Festival “A Mulher Criativa”, que terá lugar de 11 a 22 de abril de 2026, na cidade de Maputo. O festival continua a afirmar-se como uma importante plataforma cultural dedicada à valorização, visibilidade e fortalecimento do papel das mulheres nas artes, na música e nas indústrias criativas. Para além das actividades artísticas, a edição de 2026 reforça o seu compromisso com a capacitação e desenvolvimento de competências, através de uma série de formações práticas e inspiradoras, destinadas a fortalecer o papel das mulheres nas indústrias culturais e criativas.



EXPOSIÇÃO | O Lado Invisível da Luz
 Uma jornada de reconstrução e luz. Regiis apresenta obras que revelam o que o olhar comum não alcança, incluindo uma performance de live body painting que explora a vulnerabilidade e a cura através da cor. A inauguração será no dia 15 de abril, às 19 horas, no 16 NETO, em Maputo.



CONCERTO | Lika em “Soulfully”
 O regresso de Lika aos palcos abre o Mês da Mulher no 16 NETO. Uma noite de Soul e Jazz onde a voz e a guitarra celebram a autenticidade da música moçambicana. Não é mentira: a alma vai vibrar. No dia 1 de abril, às 19 horas.



POESIA | Zaida Abacar: poesia “de peito aberto”
 A palavra ganha voz com Zaida Abacar. Uma partilha íntima de versos que ecoam as vivências, as dores e as conquistas da mulher moçambicana, num convite para ouvir e sentir de peito aberto. No dia 22 de abril, às 19 horas, no 16 NETO.



Sou essa septuagenária sem nada



Escrito por: **Alexandre Chaúque**

Os meus pais eram o paradigma da minha vida e eu não entendi essa boia. De salvação. Fui rebelde contra eles, e como nunca me agrediam nem física e nem psicologicamente, fazia as coisas de *moto* próprio sem lhes dar cavaco, mas agora percebo que toda a minha birra, o meu desconcerto, não tinham nada a ver com a liberdade. Eu não era livre, era escrava do próprio Belzebuba, que investia suas esporas nos meus quadris e levava-me sempre ao encontro do precipício. Não era eu que ia, não tinha o livre arbítrio, o Belzebuba é que me levava.

Agora estou aqui, pensando nessa tragédia toda em que me transformei. Até seria capaz de sonhar com o futuro, apesar da idade que tenho. O problema é que não consigo libertar-me dos traumas de não ter obedecido aos meus pais. Comecei a beber muito cedo. Ia à escola sem motivação, deprimida. O sexo entrou-me na idade imberbe. E tudo isso junto, o sexo e a bebida, e a pândega em si, afinal eram os pilares que se erguiam para estabelecer o cadafalso que jamais me vai poupar.

Ainda bebo a potes, desde que comecei sem saber porque é que o fazia. Se calhar bebo mais agora com maior intensidade. Bebo todos os dias e ninguém me pára, nem as pessoas que me amam, como a minha filha. Eu não tenho capacidade de amá-la, nunca amei nada na vida a não ser o bréu onde habito até aos dias de hoje, mas a minha filha me ama mesmo assim. Mesmo sabendo que sou um trapo inútil. Uma vagabunda que vive de bebedeira em bebedeira.

O que me safa é que tenho tido momentos de catarse real, e esses momentos são a música. Ou seja, hoje de manhã, sem pensar no futuro, estou sentado na cadeira da minha solidão a ouvir Mountain Shaed, de Sibongile Khumalo. O saxofone e o piano e a voz soberba de Sibongile, criam um entrosamento que mais do que embevece. Escuto muitas vezes, quase sempre, este tema tocado em cima da montanha, não me canso. É a música que me lembra que estou viva.

Fumo com sofreguidão e já tenho os dedos queimados, os dentes também, pelo fumo. Não leio nada, nunca li, nem preciso. Não vejo televisão, para quê? O quê que isso vai mudar na minha vida? De vez em quando escuto rádio, mas não me concentro como me concentrava dantes quando me apaixonava pelas vozes de grandes locutores, hoje é diferente. Os locutores de hoje não me chamam, eu tenho outras exigências.

Pois é! Estou a caminho do fim sem nada. Não vou deixar nada em memória de mim. Mas vou em paz. Sei que aqueles que me amam darão dignidade ao meu corpo no último dia. Agradeço-os a todos. À minha filha, um maná inesgotável de amor. É isso! Estou bebendo a minha aguardente de tangerina sem pensar no futuro, que não me pertence.

Natural da beira, Meigos assumiu que embora a língua não seja a sua do berço, ele é “Machanga Honoris Causa”. Soltaram-se gritos e aplausos e confessou, na mesma coerência: as músicas que cantara são uma espécie de (re)memória num país de desmemória.

Talvez seja, mas o que importa vai muito além da música. Porque a memória de Hortêncio ecoa como um tambor. Sua filha, Xixel Langa, e seu genro, Cheny Wa Gune, exaltaram

também a continuidade artística de forma única e complementar. Xixel canta, com uma solenidade menos esperada, Cheny toca com mestria, e os dois encantam.

E no meio disto tudo, talvez o mais importante seja isto: pouco importa ouvir falar de Hortêncio Langa sob o estrito prisma da pureza artística. Não foi, necessariamente, um deus da música, mas foi amigo, companheiro, pai, esposo. E isso, naquela sala, pesava mais do que qualquer virtuosismo.

Sinto a sua presença constante na sua postura como amigo, artista e parceiro – António Prista, Coordenador do grupo cultural TP50

Partilhei uma amizade sólida com o Hortêncio por quase 50 anos, entre música, conversas e um ambiente familiar. A sua postura como pessoa, cidadão e artista mistura-se. A sua música sempre me encantou pela sua riqueza harmónica e poética, mas sobretudo pelo seu conteúdo imensamente rico e estético. Não tenho uma memória específica; sinto a sua presença constante na sua postura como amigo, artista e parceiro.

O trabalho do Hortêncio é de elevada qualidade. E a arte de qualidade atravessa os tempos – não morre. O Hortêncio nunca embarcou em encomendas comerciais. Era um artista autêntico e, por isso, a sua obra perdura e perdurará ao longo dos tempos.

Com ele, aprendi muita coisa como artista e como cidadão. Mas talvez possa dizer que o cuidado com que fazia as coisas e a calma com que enfrentava diversidades, por vezes muito violentas, sejam a lição que me acompanha em tudo o que faço.

Hortêncio Langa, uma voz marcante da nossa pátria independente – Tomás Vieira Mário, Jornalista

Conheci Hortêncio Langa num contexto improvável. Foi em 1979, na vila de Metangula, sede distrital de Lago, no Niassa. Foi-me apresentado por um antigo colega da Escola Secundária Josina Machel, que, com evidente entusiasmo, me disse: “Sabes quem está aqui? É o Hortêncio Langa”.

Eu conhecia-o já através das músicas incluídas no primeiro LP de música ligeira urbana moçambicana editado após a Independência. Um disco simbolicamente intitulado “Amanhecer”, no qual figuravam duas composições suas. Por isso, surpreendeu-me profundamente encontrá-lo num lugar tão inesperado como Metangula.

Nos dias que se seguiram, fui percebendo que, afinal, residia em Lichinga, onde lecionava desenho na Escola Comercial e Industrial Ngungunhane. A curiosidade levou-me a procurar entender o seu percurso até ali. Foi então que soube que chegara a Lichinga proveniente de Gorongosa, onde estivera num campo de reeducação. Com ele tinham seguido outras figuras, como Inácio Ombi, mais tarde magistrado judicial, e João Beluzita. Todos eram docentes da Escola Comercial do Noroeste, após terem sido submetidos à reeducação entre 1977 e 1978, num grupo que incluía também o embaixador Pedro Comissário e outras figuras públicas ligadas à educação, por razões que não cabem aqui aprofundar.

Foi em Lichinga que a nossa convivência se consolidou. Hortêncio criou uma pequena banda de animação, juntamente com um jovem chamado Salvador Maurício, natural de Nampula, que viria mais tarde a assumir funções como diretor provincial de Cultura no Niassa e a afirmar-se como autor de várias canções de referência.

Ao longo do tempo, mantivemos uma relação de amizade sólida, reforçada também por reencontros em Maputo. Foram anos de convivência marcada pela proximidade, pela partilha e pelo respeito mútuo.

Por isso, quando surgiu a iniciativa de homenagem a Hortêncio Langa, não hesitei em aderir, a convite do meu amigo António Prista. Foi um momento profundamente alegre, vivido com entusiasmo, abertura e um espírito descomprometido, onde prevaleceu, acima de tudo, o prazer do reencontro.

Foi, na essência, uma celebração entre amigos reunidos em torno de uma figura comum: Hortêncio Langa, uma voz marcante da nossa pátria independente, que cantou com o grupo Alambique, ao lado de nomes como João Cabaço, Arão Litsure, entre outros.

Hortêncio entrou na galeria dos grandes músicos – Filimone Meigos, Secretário-geral da AEMO

Quando penso no Hortêncio, os marcadores identitários que me surgem são vários, mas destaco os seguintes: um homem de fácil trato, culto e de múltiplos ofícios poéticos – artista plástico, escritor, músico e letrista de grande mérito.

No meu entender, é na música que Hortêncio Langa se agiganta como bom instrumentista, arranjista, compositor e letrista, sem qualquer demérito para as dimensões da literatura e das artes plásticas. Para mim, a música do Hortêncio é uma composição melódica, de boa e bem conseguida poesia. Mas, sobretudo, ele é um homem humilde.

Nesta homenagem, a mensagem que parece ficar clara é a de que, se a música é boa, essa linguagem atravessa os tempos e gerações. Por isso, em torno dessa mesma música – uma espécie de esperanto – é possível juntar diferentes gerações, até com propostas de arranjo vindas dos mais jovens, construídas em conjunto com os mais velhos.

Como viste, estiveram em palco jovens dos 10 aos 75 anos. Desse grupo, dois são “filhos” do Hortêncio Langa: o Ebenezário e a Xixel. O Texito (baterista) e o Dário (guitarrista) não faziam parte do concerto “Os Madalalas”, mas são também exímios instrumentistas. Portanto, os quatro filhos do Hortêncio são músicos. Moral da estória: Hortêncio plantou árvores na floresta das artes moçambicanas a partir da sua própria família.

Com o Hortêncio aprendi que a grandeza da obra deve contrastar com a grandeza da humildade. Quem não o conhecesse e o visse passar, nem imaginaria que o autor daquela obra fosse aquele que vivia, como quem diz, “quem é grande, é grande por dentro”. Hortêncio tem uma obra tão significativa que contrasta com a sua grande humildade. De bom humor no dia a dia, era capaz de sentar-se com amigos – não profissionais de música – para juntos tocarmos umas guitarradas e conversar sobre tudo.

Essa é a contribuição do Hortêncio, a meu ver. Entrou na galeria dos grandes músicos do nosso país e marcou uma época, com todo o mérito.

Pub.

GES20
natura
ÁGUA
QUE É
ÁGUA

ÁGUA 100% MINERAL NATURAL
18.9 LITROS
SEM TRATAMENTOS OU PURIFICAÇÕES

Natura é a Água de 18,9 litros, 100% Mineral Natural, entregue à sua porta.

A experiência como GES20 e os milhares de clientes deram-nos a confiança para sermos quem somos hoje.

Somos o que sempre fomos. Somos Natura. Somos Água é que é Água.

ENTREGAS GRATUITAS*
84 367 9510
encomendas@aguanatura.co.mz

Termos e condições aplicáveis.
Para mais informações consulte: aguanatura.co.mz